

PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thais Chaves de Oliveira

Aluna graduanda do curso de Pedagogia CAMEAM- UERN

Emylle Barros de Almeida Fonseca

Aluna graduanda do curso de Pedagogia - CAMEAM- UERN

RESUMO

O presente artigo é fruto da disciplina Ensino de Língua Portuguesa do 6º período do curso de Pedagogia CAMEAM/UERN, e tem como foco relatar experiência do desenvolvimento de um plano de aula, voltado para disciplina de língua portuguesa, durante o período do estágio supervisionado II. As atividades foram realizadas em uma turma de 4º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede pública municipal de Pau dos Ferros. Para o desenvolvimento deste artigo utilizamos como aporte teórico os postulados de Antunes (2003) Solé (1998) e Villardi (1999), os quais possibilitaram a fundamentação sobre a leitura. Por meio das práticas capazes de proporcionar momentos agradáveis às crianças na presença de muitos livros, possibilitando através destes diversos fatores como: imaginação, sentimentos, emoções, ampliação do vocabulário além de lhe permitir entrar em um universo novo, sendo esse o fantástico mundo da leitura.

Palavras-chave: Leitura, Prática docente, ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Delimita-se neste trabalho, apresentar práticas de leituras desenvolvidas no 4º ano do ensino fundamental, durante o período do estágio supervisionado II. Será relatada uma aula realizada no dia vinte e um de fevereiro de dois mil e quatorze. O plano de aula estava direcionado a oralidade, leitura e escrita, tendo como objetivo geral, Proporcionar momentos de leituras prazerosas, reconhecendo os gêneros literários como uma fonte de múltiplas informações e entretenimento. Além de Estimular a leitura por prazer, por meio de atividades lúdicas, trabalhar a oralidade, partindo de leituras agradáveis e dinâmicas, desenvolver estratégias de argumentação para defender idéias e

pontos de vista sobre os livros lidos e trabalhar a escrita de forma interativa, a partir de textos literários.

O plano aqui citado teve duração de 4 horas/aula, sendo que a aula foi pensada e desenvolvida de forma que todos os alunos participassem das atividades propostas, a turma composta por 41 alunos, destes 11 alunos não tem domínio de leitura, esquecendo-se até mesmo das letras do alfabeto. Essa heterogeneidade não dificultou o trabalho desenvolvido em sala já que todos ficaram encantados com o tema da aula “o fantástico mundo da leitura”, assim como se encantaram com a diversidade de livros espalhados pela sala, o qual todos ficaram a vontade para o direcionamento de suas leituras individuais ou coletivas.

A aula estava assim esquematizada; no primeiro momento uma conversa com os alunos sobre a importância da leitura em nossa vida e perguntar a eles quais livros já leram e se tem preferência por algum livro, ou seja, instigar os alunos a participarem da aula assim como mostrar o quanto a leitura pode ser prazerosa. Em um segundo momento foi realizado exposição do vídeo; “A menina que odiava livros”, para que os alunos entendessem que filme e vídeo também é uma forma de leitura.

Para o desenvolvimento do terceiro momento sendo este “o espaço biblioteca em minha sala”, onde havia uma diversidade de livros e revistas espalhados na sala, para que tivesse a oportunidade de desfrutar da leitura de acordo com suas escolhas. Em seguida uma roda de conversas para recontar histórias ou trechos interessantes das leituras feitas, um momento para compartilhar o que viram e o que leram, proporcionando interação entre os colegas, assim como uma oportunidade de ouvir histórias que ainda não haviam realizado.

O quinto e último momento era a vez do reconto escrito: onde o aluno escreveria ou ilustrava a leitura realizada. Trazendo a tona aspectos interessantes das narrativas, partes que mais chamou atenção, imagens que mais se destacaram, ou seja, uma forma de registrar o entendimento do que leu, sendo isso de forma espontânea, não havendo nenhuma cobrança por partes dos professores. Sendo os alunos avaliados a partir da participação nas atividades desenvolvidas, assim como se as atividades propostas instigavam os alunos á leitura e a escrita de forma dinâmica e prazerosa.

Dessa forma, este trabalho está assim esquematizado, inicialmente apresentamos algumas discussões sobre as práticas de leitura com o apoio dos postulados dos autores; Antunes (2003) Solé (1998) e Villardi (1999), em seguida uma breve análise, ou seja, apresentaremos reflexões sobre o plano de aula desenvolvido, para a concretização de

nosso estudo e, por fim as considerações finais com os respectivos resultados que foram obtidos.

A LEITURA DISCUTIDA TEORICAMENTE

O trabalho com a leitura é de suma importância para a aprendizagem das crianças, ainda mais quando esta prática passa a ser uma atividade prazerosa, onde o principal objetivo é mostrar através do exercício que a leitura é indispensável em nossa vida, que através dela é possível viajar em um espaço novo, em um mundo mágico, é habitar por lugares imaginários. Para tanto, Villardi (1999) nos diz que:

Ler é contruir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (Villardi, 1999, p. 4)

Através da leitura é possível construir novos significados, ainda mesmo quando criança, pois se pode acrescentar a leitura conhecimentos prévios já adquiridos no meio social, visto que a criança não é uma tabula rasa, mas sim um ser em formação que chega a escola com conhecimentos construídos até então. Desta forma ela pode atribuir significados a leitura, não que esta não traga em si o seu próprio significado, mas que este possa ser interpretado da forma cabível. Segundo Solé “O significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos”. (Solé, 1998, p. 22).

Assim sendo, se considera que o aluno processe os elementos que compõem o texto, começando pelas letras, palavras e frases, para então compreender o significado do texto, conseguindo explicar e interpretar o que leu. Assim, quem ler estar exercitando continuamente seus conhecimentos de mundo para construir uma interpretação.

A escola é a porta de entrada para o conhecimento sistematizado, onde o aluno passa a ter contato com diversos gêneros literários, que talvez não tenha sido introduzido antes no meio familiar, proporcionando a insatisfação pelas leituras. Mas o que poderia acarretar em uma mudança nesse estado de insatisfação parece agravar a situação. Pois o meio para aproximar o aluno da leitura é encantá-lo por meio dela,

proporcionando momentos agradáveis, e não ser uma leitura apenas por cobrança, ou seja, ler apenas para supostas avaliações. Segundo Antunes (2003) no que se refere às atividades de ensino de leitura, também se encontra ainda:

Uma atividade de leitura puramente escolar; sem gosto, sem prazer, convertida em momentos de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras “cobranças”; leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício, sejam aqueles da “leitura em voz alta” realizados, quase sempre, com interesses avaliativos, sejam aqueles que têm de culminar com a elaboração das conhecidas “fichas de leitura”. (Antunes, 2003, p. 28)

Sendo assim, para que se cumpra o papel da escola no que se refere à formação de um leitor é necessário que patrocine uma leitura apropriada de textos literários, ainda se faz importante que se faça um resgate sobre as leituras que mais interessa o alunado, para que se torne algo mais agradável, e que não se distancie muito de sua realidade, a fim de que eles possam estabelecer estratégias de comparação entre o real e o imaginário.

Uma vez que, a literatura proporciona outro mundo, de sonhos, contos de fada entre outros. Deixando de ter comprometimento com a realidade, mas com o real que ela mesma cria, é ficção e, por natureza, da ordem da fantasia. Proporcionando ao leitor a curiosidade e o interesse pelo novo, permitindo que vivencie situações pelas quais jamais passou, dando espaço ao conhecimento. Ou seja, possibilitando experiências vividas apenas no imaginário, tornado mais criativo e crítico, diante a realidade encontrada durante sua existência.

Para que isso ocorra se faz necessário que o professor enquanto mediador, proporcione momentos com livros literários, instigando o aluno a gostar de ler, mas essa não é uma tarefa fácil, requer tempo para uma familiarização do aluno com a literatura, ainda mais quando se é o primeiro contato ou quando o aluno habituou-se a ver a leitura como uma forma de repreensão, ou como algo difícil. Sendo assim, a tarefa do professor é levar o aluno ao mundo da leitura de forma prazerosa. Villardi (1999) nos diz que:

Ensinar a gostar de ler é exatamente isso: é ensinar a se emocionar com os sentidos e a razão, porque para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola; e, para isso, é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, a achar as pistas e a retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz. (Villardi, 1999, p. 37)

Proporcionar ao aluno enxergar a essência do texto, deixar que ele só descubra aquilo que no texto se esconde, induzindo a pesquisar o conhecimento, e não apenas adquirir conhecimentos prontos e acabados, mas fazer com que sinta prazer em ler, sendo assim agente de sua própria leitura.

Assim, através destes postulados percebemos o quanto se faz necessário a leitura para a formação do homem, tanto para o desenvolvimento lógico e criatividade. A leitura abre diversas portas para o conhecimento, sendo esta busca algo prazeroso e divertido, ocasionando uma experiência significativa para o leitor.

DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA

Durante a observação no período de estágio, foi possível perceber o interesse dos alunos pela leitura, percebemos também que eles não tinham contato com livros de histórias e ainda pouquíssimo contato com o livro didático. As leituras realizadas em sala sempre eram feitas pela professora, a qual fazia leituras rápidas e titulava como contação de história. Ao iniciar a leitura não havia nenhum tipo de motivação antes, e ao término eram feitas poucas discussões sobre a leitura com os alunos, fazendo com que se tornasse uma leitura enfadonha e sem motivação.

Esses fatores fizeram com que no período regencial, direcionasse o plano de aula de língua portuguesa para leitura, mas uma leitura prazerosa, onde o aluno se sentisse a vontade na escolha do livro. Tivesse contato com diversos livros, visto que isso quase não acontecia, mesmo sendo a “biblioteca” da escola situada dentro da sala de aula. Os livros estavam tão próximos, e ao mesmo tempo tão distantes, pois uma fechadura entre os armários impedia esse contato mais próximo. Diante disso, Villardi diz:

Em muitas escolas, as salas de leitura simplesmente inexistem; noutras, os livros ficam trancados, para que as crianças não os estraguem; há, ainda, aqueles em que, como não há professor específico para a atividade, a sala de leitura é simplesmente fechada, quando não vira depósito de material sem uso. (Villardi, 1999, p. 108)

Para o início da aula foi questionado as crianças quais livros já tinham lido, quais livros gostavam mais, entre outras perguntas. Além de explicar que a aula seria sobre leitura, e o que significava a mesma e qual sua importância em nossa vida. Segundo Solé “É imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso” . (Solé, 1998, p. 44).

Esse momento de aproximação com o que seria estudado foi de suma relevância para o andamento das atividades. Em seguida os alunos perceberam que além das leituras de livros, há outras formas de leitura, filmes, vídeos, jornais, revistas, além de todas as formas de texto que estejam ao nosso alcance. Nesse sentido para montar a sala de leitura na sala, necessitava de algo mais além de apresentação de livros, além da motivação. Para tanto Solé nos diz “Motivar as crianças para leitura não consiste em que o professor diga: “Fantástico! Vamos ler!”, mas em que elas mesmas o digam ou pensem”. (Solé, 1998, p. 44).

A sala de leitura deve ser antes de tudo, um espaço agradável e atraente, capaz de propiciar ao aluno momentos agradáveis, de conforto, na presença de muitos livros sendo que o professor irá orientar o aluno quando preciso, como no caso da turma na qual foi desenvolvido este plano de aula, onde a mesma é composta por onze alunos não alfabetizados, mas que não dificultaram a iniciativa da sala de leitura. Assim Villardi diz “O analfabetismo não representa um impedimento à aplicação de um roteiro de leitura, quando é elaborado de modo que a criança não tenha necessidade de escrever”. (Villardi, 1999, p. 59)

A sala de leitura foi montada com o intuito que todos se interessassem em ler diferentes livros, e assim aconteceram todos se encantaram pelos livros, até mesmo os tidos como “analfabetos”, os mesmos se encantavam com as ilustrações, usando a imaginação e criando novas narrativas, outros liam com o auxílio das professoras.

Em seguida no momento da atividade escrita, foi algo espontâneo, onde os alunos antes mesmo que solicitado escreviam sobre que tinha lido e faziam desenhos relacionados à história, isso facilitou a atividade com os alunos que não sabiam escrever, pois os mesmos não se sentiram menosprezados, nem mesmo oprimidos diante o exercício. A respeito disso Villardi nos diz que “À medida que é posto em contato com textos criativos, o aluno tende a permitir-se ousar, falando, escrevendo, ou seja, construindo mundos a que ele chega tirando os pés do chão. (Villardi, 1999, p. 61)

Após isso, teve a socialização das histórias, os alunos oralmente falavam e descreviam a história, assim como os personagens. Isso os motivou a procurar outros livros para levar para casa, fazendo com que despertassem o gosto pela leitura assim como satisfazer a vontade do contato com diversos livros.

Diante isso, percebemos que é possível trabalhar o ensino de português, com uma prática de leitura voltada para a leitura, de forma prazerosa e significativa para os alunos. Sendo que para isso necessita de um planejamento voltado para a realidade dos

alunos, selecionando critérios e matérias a serem utilizados durante a atividade, promover situações que instigue o aluno a pensar e a procurar, incentivando o gosto pela leitura, para que assim possam ir elaborando suas próprias interpretações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi exposto ao longo deste trabalho é possível dizer que a leitura é fundamental no processo de aprendizagem, ela é imprescindível para agir com autonomia diante as dificuldades enfrentadas ao longo do percurso de vida. Sendo que a mesma serve de dobradiça para escrita, pois através da leitura o individuo se depara com novas palavras, ampliando seu repertório de escrita, ou seja, escrevendo de forma mais abrangente e compreensível.

É importante que na rotina das aulas estejam presentes rodas de leituras, proporcionando ao aluno momentos interativos, assim como dinamizar as atividades para que não se tornem cansativas, e sim algo que provoque prazer, e que o aluno compreenda o que ler, enriquecendo assim seus conhecimentos.

Faz-se necessário também que o professor direcione as leituras, para os conteúdos necessários para a aprendizagem das crianças, para que não seja uma leitura descontextualizada. Podendo fazer ligação entre o mundo da fantasia e o mundo real, adquirindo assim uma visão de mundo.

Sabendo das dificuldades encontradas no âmbito escolar, como visto na sala em que foi desenvolvido o plano de aula aqui citado, em que a “biblioteca” estava localizada dentro da sala, mas que ao mesmo tempo parecia tão distante das crianças. Algo que se repete entre outras escolas, mas que pode ser diferente, assim, para que isso não ocorra requer que o docente se conscientize da importância da leitura, e que assim possa transmitir isso para seus alunos, para despertar neles o gosto em ler.

Podemos observar que o professor desempenha o papel principal no que se refere ao despertar o aluno ao mundo literário, mas que, não retira a responsabilidade dos pais e da comunidade de desempenhar também esse papel, desenvolvendo projetos junto à escola, assim como proporcionar discussões entre ambos para despertar para esse meio literário.

Tendo em vista os aspectos aqui enfocados é possível ressaltar que é fundamental que se criem condições ideais, e que o professor se disponha a não abrir

mão do trabalho com a leitura. Pois isso é possível, mesmo com um mínimo de recursos, desde que se tenha determinação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

